

GRAÇA & VERDADE

COLEÇÃO DOUTRINAS BÍBLICAS



VOLUME 2

Cristo e a Salvação

Da Redenção à Esperança Final

Quem é Jesus Cristo, o que a cruz revela, a graça que salva, a fé que obra, a cura divina e o mundo vindouro.

Sumário

1	Jesus Cristo: A Identidade do Filho de Deus e as Obras da Redenção	CRISTOLOGIA
2	O Amor de Deus Revelado na Cruz	CRISTOLOGIA
3	A Salvação pela Graça: Regeneração, Justificação, Santificação e Glorificação	SOTERIOLOGIA
4	O Que é a Graça de Deus?	SOTERIOLOGIA
5	Fé e Obras: O Ensino de Tiago	SOTERIOLOGIA
6	A Cura Divina: Fundamentos Bíblicos, a Expição de Cristo e a Prática na Igreja	SOTERIOLOGIA
7	A Segunda Vinda de Cristo: Arrebatamento, Tribulação, Milênio e a Bendita Esperança	ESCATOLOGIA
8	O Mundo Vindouro: Juízo Final, Ressurreição e o Novo Céu à Luz das Escrituras	ESCATOLOGIA

SOBRE ESTE E-BOOK

Este material é gratuito

Todos os artigos deste volume estão publicados de graça em **gracaeverdade.online**, e continuarão assim. Não há assinatura, não há versão paga, não há catraca.

Se este material te ajudou no seu estudo das Escrituras, você pode sustentar esse trabalho com qualquer valor. É isso que mantém o site no ar e as publicações saindo toda semana.

APOIE PELO PIX



3d67a292-56c0-4b81-8ed3-8
c45faddaf09

PARA CONTINUAR

Artigos novos

gracaeverdade.online/blog

Versículo do dia no seu e-mail

gracaeverdade.online

Apoiar o projeto

gracaeverdade.online/apoie

Livros que recomendamos

gracaeverdade.online/loja

Os links para a livraria neste e-book e no site são links de associado da Amazon. Como Associado da Amazon, o Graça & Verdade ganha com compras qualificadas, sem custo extra para você.

Jesus Cristo: A Identidade do Filho de Deus e as Obras da Redenção

Graça & Verdade · 16 de setembro de 2026 · 12 min de leitura

Este artigo examina a pessoa e a obra do Senhor Jesus Cristo à luz das Sagradas Escrituras (versão Almeida Corrigida Fiel) e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus (Capítulos IV e V), abordando os seus nomes e títulos, a encarnação (verdadeiro Deus e verdadeiro homem), a divindade absoluta, o significado de "Filho de Deus", o ministério terreno, o tríplice ofício de profeta, sacerdote e rei, a morte vicária, a expiação e a propiciação, e a ressurreição e ascensão. Conclui-se que Jesus Cristo é o Filho unigênito de Deus, o único mediador e o Salvador do mundo, cuja morte e ressurreição são o fundamento da fé cristã.

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (João 1:1). Toda a fé cristã repousa sobre uma pessoa: Jesus Cristo. Ele é o centro das Escrituras, a chave que abre tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, e a resposta de Deus para a condição perdida do homem. Não se trata de um mero mestre, profeta ou exemplo moral, mas do próprio Deus que se fez carne e habitou entre nós (João 1:14). Por isso, a pergunta que Jesus fez aos seus discípulos continua a ecoar: "E vós, quem dizeis que eu sou?" (Mateus 16:15).

A **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**, em seus Capítulos IV e V, afirma que a morte e a ressurreição corporal de Cristo são "a viga mestra e o pilar da fé cristã". Este artigo propõe-se a examinar, à luz da Palavra de Deus, quem é Jesus — a sua identidade divina e humana — e o que Ele fez — a sua morte expiatória, a ressurreição e a ascensão —, demonstrando por que somente Ele é o caminho, a verdade e a vida (João 14:6).

Os Nomes e Títulos de Cristo

As Escrituras atribuem a Jesus diversos nomes e títulos que revelam a sua identidade e a sua missão. Ele é chamado "Jesus", "porque ele salvará o seu povo dos seus pecados" (Mateus 1:21); "Cristo", o Ungido de Deus (Mateus 16:16); "Emanuel", que significa "Deus conosco" (Mateus 1:23); "Filho do Altíssimo" (Lucas 1:32); "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29); "Senhor" (Romanos 10:9); "Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim" (Apocalipse 1:8); e "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Apocalipse 19:16). Cada um desses títulos aponta para a sua divindade e para a sua obra redentora.

O próprio Jesus declarou a sua identidade por meio de afirmações absolutas que empregam o nome divino "Eu Sou": "antes que Abraão existisse, eu sou" (João 8:58). Essas declarações ecoam o nome revelado a Moisés na sarça ardente (Êxodo 3:14) e confirmam que Jesus é, desde a eternidade, o Deus que se revela. Diante de tão clara evidência, Tomé confessou: "Senhor meu, e Deus meu!" (João 20:28).

A Encarnação: Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem

A encarnação é o mistério do Verbo eterno que assumiu a natureza humana: "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (João 1:14). Jesus foi concebido no ventre da virgem Maria por obra do Espírito Santo, sem a participação de homem (Mateus 1:20; Lucas 1:35), e, por isso, é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, possuindo duas naturezas — a divina e a humana — unidas em uma só pessoa.

Em sua natureza humana, Jesus participou plenamente das nossas fraquezas, sem, contudo, pecar. Ele nasceu de uma mulher, cresceu "em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens" (Lucas 2:52), sentiu fome, sede, sono, cansaço, tristeza e angústia. Todavia, "não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano" (1 Pedro 2:22), pois "em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hebreus 4:15). Essa união das duas naturezas era necessária para que, sendo homem, pudesse morrer pelos homens, e, sendo Deus, o seu sacrifício tivesse valor infinito e eterno.

A Divindade Absoluta de Jesus

A Bíblia afirma com clareza que Jesus é Deus. João declara: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (João 1:1). Paulo escreve que Cristo é "sobre todos, Deus bendito eternamente" (Romanos 9:5) e que "nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Colossenses 2:9). O próprio Senhor afirmou: "Eu e o Pai somos um" (João 10:30). Os atributos exclusivos de Deus são atribuídos a Jesus: ele é eterno (Isaías 9:6), onipotente (Apocalipse 1:8), onipresente (Mateus 18:20) e onisciente (João 16:30).

As obras de Jesus confirmam a sua divindade. Ele é o Criador: "Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (João 1:3); "nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis" (Colossenses 1:16). Ele é a fonte da vida: "como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo" (João 5:26). Ele perdoa pecados, recebe adoração, ressuscita os mortos e é imutável: "Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente" (Hebreus 13:8). Somente Deus poderia realizar tais obras.

O Significado de "Filho de Deus"

O título "Filho de Deus" não indica inferioridade, mas igualdade de essência com o Pai. Quando Jesus se declarou Filho de Deus, os judeus compreenderam que ele estava "fazendo-se igual a Deus" (João 5:18). O termo grego traduzido por "unigênito" (*monogenés*) significa "único da espécie", "único do tipo", e não "gerado" no sentido de criado. Jesus é o único Filho que possui a mesma essência do Pai: é tudo quanto Deus é.

Essa filiação divina e natural distingue-se da filiação adotiva dos crentes. Enquanto Jesus é o Filho por natureza, os salvos são feitos filhos por adoção, mediante a fé: "a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome" (João 1:12); "porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus" (Gálatas 3:26). Pela graça, o crente pode clamar "Aba, Pai" (Romanos 8:15), participando, por adoção, daquilo que Cristo possui por natureza.

O Ministério Terreno de Jesus

O propósito da vinda de Cristo ao mundo foi a redenção dos pecadores: "Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores" (1 Timóteo 1:15). O seu ministério terreno resume-se na trilogia ensinar, pregar e curar: "percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas, e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo" (Mateus 4:23). Jesus ensinava com autoridade singular, de modo que "nunca homem algum falou assim como este homem" (João 7:46).

Os milagres de Jesus revelam a extensão do seu poder e a sua identidade messiânica. Ele demonstrou autoridade sobre a natureza, acalmando a tempestade (Marcos 4:39); sobre o pecado, perdando ofensas (Mateus 9:6); sobre as enfermidades, curando os doentes (Lucas 4:40-41); sobre os demônios, libertando os oprimidos (Marcos 5:6-8); e sobre a morte, ressuscitando os mortos (João 11:25). A respeito de si mesmo, declarou: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (Mateus 28:18).

O Tríplice Ofício: Profeta, Sacerdote e Rei

Jesus exerceu o tríplice ofício (*munus triplex*) de profeta, sacerdote e rei — as três funções mais importantes do Antigo Testamento. Como profeta, ele é a boca de Deus, aquele que revela a vontade do Pai: "A palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai que me enviou" (João 14:24). A multidão o reconhecia: "Este é Jesus, o profeta de Nazaré da Galileia" (Mateus 21:11).

Como sacerdote, Jesus é o mediador entre Deus e os homens: "há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem" (1 Timóteo 2:5). O seu sacerdócio é superior ao de Arão, pois ele é "santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores" (Hebreus 7:26) e ofereceu-se a si mesmo como sacrifício perfeito e único. Como rei, Jesus é "Rei dos reis e Senhor dos

senhores" (Apocalipse 19:16), herdeiro legítimo do trono de Davi, cujo reino "não terá fim" (Lucas 1:33). Profeta que revela, sacerdote que reconcilia e rei que domina: em Cristo, as três funções se cumprem perfeitamente.

A Morte Vicária de Cristo

A morte de Jesus não foi um acidente nem o martírio de um justo, mas um sacrifício substitutivo: "Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras" (1 Coríntios 15:3). A morte vicária significa que ele morreu em nosso lugar, tomando sobre si a culpa que nos pertencia. O profeta Isaías anunciou: "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos" (Isaías 53:6).

Todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento prefigurava essa substituição: a imposição de mãos sobre o animal transferia simbolicamente a culpa do pecador para a vítima (Levítico 1:4). Jesus é o verdadeiro Cordeiro pascal: "Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós" (1 Coríntios 5:7). Como afirma Pedro, "levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados" (1 Pedro 2:24). A morte de Cristo, portanto, foi em favor dos pecadores, satisfazendo a justiça divina em nosso lugar.

A Expição e a Propiciação

Deus aceitou a morte de seu Filho como expiação pelos pecados. O termo "expição" carrega a ideia de cobrir — cobrir com sangue —, pois "sem derramamento de sangue não há remissão" (Hebreus 9:22). O sangue de Cristo, porém, é superior ao dos animais: "o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo" (Hebreus 9:14).

A morte de Cristo é também propiciação: o ato que apazigua a justa ira de Deus contra o pecado e satisfaz a sua santidade. João declara: "Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (1 João 2:2). Essa propiciação é fruto do amor de Deus: "Nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados" (1 João 4:10). Pela expiação e pela propiciação, o pecador é reconciliado com Deus e recebe o perdão dos seus pecados.

A Ressurreição e a Ascensão de Cristo

A ressurreição de Cristo é o selo divino sobre a sua obra e a garantia da nossa fé. "Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Coríntios 15:3-4). A ressurreição foi corporal e atestada por muitas

testemunhas: "Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas" (Atos 2:32). Sem ela, a fé seria vã (1 Coríntios 15:17); com ela, o crente tem viva esperança.

Após a ressurreição, Cristo ascendeu ao céu e assentou-se à direita de Deus: "foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus" (Marcos 16:19). Lá, ele intercede por nós e aguarda o tempo da sua volta. A ressurreição e a ascensão significam a sua exaltação e a vitória definitiva sobre o pecado, a morte e o diabo: "tendo sido Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte não mais tem domínio sobre ele" (Romanos 6:9). Por isso, o crente pode afirmar com ousadia que Jesus vive e reina para sempre.

Quem deseja uma introdução à fé cristã para leitura devocional encontra em **Cristianismo Puro e Simples**, de C. S. Lewis, um bom ponto de partida.

Conclusão

Este artigo demonstrou, à luz da Bíblia e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, que Jesus Cristo é: (1) o Filho unigênito de Deus, portador de nomes e títulos que revelam a sua divindade; (2) verdadeiro Deus e verdadeiro homem, encarnado para a nossa redenção; (3) possuidor dos atributos e das obras exclusivas de Deus; (4) o profeta, sacerdote e rei que cumpre plenamente o plano divino; (5) o Cordeiro que morreu vicariamente em nosso lugar; (6) a nossa propiciação e expiação; e (7) o Senhor que ressuscitou e ascendeu ao céu, de onde voltará em glória.

Diante de tão grande salvação, cabe a cada pessoa responder à pergunta de Cristo: "E vós, quem dizeis que eu sou?" (Mateus 16:15). A resposta correta transforma a vida: confessar que Jesus é o Senhor e crer que Deus o ressuscitou dos mortos é o caminho da salvação (Romanos 10:9). Que o nome que é sobre todo nome seja, para cada crente, o fundamento da fé, o objeto da adoração e a esperança da glória vindoura, "para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho" (Filipenses 2:10).

Referências

- BÍBLIA. Português. **Almeida Corrigida Fiel**. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.
- BÍBLIA. A. T. Êxodo. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Êxodo 3.
- BÍBLIA. A. T. Levítico. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Levítico 1.
- BÍBLIA. A. T. Isaías. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Isaías 9; 53.
- BÍBLIA. N. T. Mateus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Mateus 1; 4; 9; 16; 18; 21; 28.
- BÍBLIA. N. T. Marcos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Marcos 4; 5; 16.
- BÍBLIA. N. T. Lucas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Lucas 1; 2; 4.

- BÍBLIA. N. T. João. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. João 1; 5; 7; 8; 10; 11; 14; 16; 20.
- BÍBLIA. N. T. Atos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Atos 2.
- BÍBLIA. N. T. Romanos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Romanos 6; 8; 9; 10.
- BÍBLIA. N. T. 1 Coríntios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Coríntios 5; 15.
- BÍBLIA. N. T. Gálatas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Gálatas 3.
- BÍBLIA. N. T. Filipenses. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Filipenses 2.
- BÍBLIA. N. T. Colossenses. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Colossenses 1; 2.
- BÍBLIA. N. T. 1 Timóteo. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Timóteo 1; 2.
- BÍBLIA. N. T. Hebreus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Hebreus 4; 7; 9; 13.
- BÍBLIA. N. T. 1 Pedro. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Pedro 2.
- BÍBLIA. N. T. 1 João. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 João 2; 4.
- BÍBLIA. N. T. Apocalipse. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Apocalipse 1; 19.
- DECLARAÇÃO DE FÉ das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. Capítulo IV: Sobre a Identidade do Senhor Jesus Cristo; Capítulo V: Sobre as Obras de Cristo.

O Amor de Deus Revelado na Cruz

Graça & Verdade · 28 de maio de 2026 · 2 min de leitura

A cruz de Cristo como a maior demonstração do amor de Deus pela humanidade e o que isso significa para a nossa identidade.

A Maior Demonstração de Amor

"Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores." (Romanos 5:8)

A cruz não é apenas um evento histórico. É a declaração definitiva de Deus sobre o valor que Ele atribui a cada ser humano. Na cruz, o amor e a justiça de Deus se encontraram.

Amor Imerecido

O que torna o amor de Deus tão extraordinário é que ele não depende de nós. Não fizemos nada para merecê-lo. Ele nos amou quando éramos inimigos (Romanos 5:10).

João expressa isso de forma simples e profunda: *"Nós o amamos a ele porque ele nos amou primeiro"* (1 João 4:19).

Implicações para Nós

1. **Nossa identidade está segura** — somos amados incondicionalmente
2. **Podemos amar os outros** — quem experimenta o amor de Deus pode transbordar esse amor
3. **Não precisamos performar** — o amor de Deus não depende do nosso desempenho

Um Convite

Se você nunca experimentou esse amor, hoje é o dia. A cruz está de braços abertos. Como disse Jesus: *"Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei"* (Mateus 11:28).

Deixe-se amar por Aquele que deu a vida por você.

A Salvação pela Graça: Regeneração, Justificação, Santificação e Glorificação

Graça & Verdade · 31 de julho de 2026 · 10 min de leitura

Este artigo examina a doutrina da salvação à luz das Escrituras Sagradas e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, abordando a condição pecaminosa do ser humano, a graça como única base da salvação, o processo que envolve regeneração, justificação, adoção, santificação e glorificação, e a posição assembleiana sobre a perda da salvação.

"Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie" (Efésios 2:8-9). Estes versículos sintetizam o coração do evangelho: a salvação é uma dádiva imerecida de Deus, concedida gratuitamente a todo aquele que crê em Jesus Cristo. A Declaração de Fé das Assembleias de Deus afirma que "é-nos oferecida pela graça mediante a fé no sacrifício de Jesus Cristo na cruz do Calvário" e que "é eterna, completa e eficaz". Esta doutrina é o fundamento sobre o qual todas as demais se sustentam.

Compreender a salvação exige responder a três perguntas fundamentais: Do que somos salvos? Por quem somos salvos? Como somos salvos? A Bíblia responde: somos salvos do pecado e da condenação eterna, por Jesus Cristo, mediante a graça de Deus, recebida exclusivamente pela fé.

A Condição do Ser Humano: O Pecado e Suas Consequências

Para compreender a grandeza da salvação, é necessário compreender a gravidade da condição da qual somos salvos. Paulo descreve o estado do homem sem Cristo: "Não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram, e juntamente se fizeram inúteis" (Romanos 3:10-12). O pecado não é apenas um erro moral ou uma fraqueza; é uma condição de rebelião contra Deus que afeta toda a humanidade: "todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Romanos 3:23).

A consequência última do pecado é a morte espiritual — a separação eterna de Deus: "o salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23). A Declaração de Fé qualifica esta condição como "mortos em ofensas e pecados" (Efésios 2:1), significando que o homem, por si só, é incapaz de se reconciliar com Deus.

A Iniciativa Divina: A Graça de Deus

Diante da total incapacidade humana, Deus tomou a iniciativa. "Do Senhor vem a salvação" (Jonas 2:9). Graça (*charis*) é favor imerecido, bondade concedida a quem não merece. A Declaração de Fé ensina: "Não há nada que o homem natural possua ou pratique que lhe faça merecida a graça de Deus". Paulo é enfático: "Mas, se é por graça, já não é pelas obras; de outra maneira, a graça já não é graça" (Romanos 11:6).

A salvação não é recompensa por boas obras, observância religiosa ou mérito pessoal. É presente divino, concedido livremente a pecadores que nada têm a oferecer senão sua fé. A Declaração de Fé também esclarece que a graça "não é irresistível, pois não são poucos os que, ignorando o Evangelho de Cristo, resistem ao Espírito da graça". Deus oferece a salvação a todos, mas respeita a liberdade humana de aceitá-la ou rejeitá-la.

O Meio da Salvação: A Fé em Jesus Cristo

O único meio pelo qual o pecador se apropria da salvação é a fé em Jesus Cristo. Paulo declara: "Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Romanos 10:9). Jesus mesmo afirmou: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim" (João 14:6) e "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16).

A fé não é mero assentimento intelectual à existência de Deus — "Também os demônios o crêem, e estremecem" (Tiago 2:19) — mas confiança pessoal e rendição total a Cristo como Senhor e Salvador. A Declaração de Fé afirma que "a fé antecede a regeneração", baseando-se em Efésios 2:8.

As Etapas da Salvação

A salvação é apresentada aqui em etapas para fins didáticos — não porque se sucedam no tempo. No ato da aceitação de Cristo, o pecador é "imediate e simultaneamente salvo, justificado e adotado como filho de Deus", entrando daí em diante no processo de santificação até a glorificação final (Declaração de Fé, Capítulo X). O testemunho bíblico confirma a simultaneidade: "haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus" (1 Coríntios 6:11) — três verbos, um só ato. A enumeração que segue é, portanto, uma ordem **lógica**, em que cada aspecto ilumina o outro.

Regeneração

A primeira, na ordem didática, é a regeneração, ou novo nascimento. Jesus disse a Nicodemos: "Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (João 3:3). Trata-se de uma transformação radical, uma nova criação operada pelo

Espírito Santo: "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Coríntios 5:17). Paulo explica que Deus "nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo" (Tito 3:5).

Justificação

A segunda, nessa mesma ordem, é a justificação: o ato pelo qual Deus declara justo o pecador que crê em Cristo, imputando-lhe a justiça de Jesus. "Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo" (Romanos 5:1). Na justificação, Cristo é tratado como pecador em nosso lugar, e nós somos tratados como justos no lugar dEle. "Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5:21).

Adoção

A terceira, ainda nessa ordem didática, é a adoção: o crente é recebido na família de Deus como filho. "Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai" (Romanos 8:15). O salvo não é apenas perdoado; é tornado filho de Deus com todos os direitos de herança: "herdeiros de Deus, e co-herdeiros de Cristo" (Romanos 8:17).

Santificação

A quarta é a santificação: o processo contínuo pelo qual o crente é separado do pecado e transformado à imagem de Cristo. "É a vontade de Deus, a vossa santificação" (1 Tessalonicenses 4:3). Diferentemente da justificação — que é instantânea e posicional — a santificação é progressiva e experiencial. Paulo ora para que os tessalonicenses sejam "conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Tessalonicenses 5:23). A santificação envolve tanto a obra de Deus ("o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo") quanto a responsabilidade humana ("Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" — Hebreus 12:14).

Glorificação

A quinta é a glorificação: a etapa final da salvação, que ocorrerá na volta de Cristo, quando os salvos receberão corpos incorruptíveis, livres do pecado e da morte. "E aos que justificou a estes também glorificou" (Romanos 8:30). Paulo descreve: "num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta... os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados" (1 Coríntios 15:52-53). A glorificação é a consumação da salvação.

O Destino dos Salvos e dos que Rejeitam a Salvação

A Bíblia ensina que há apenas dois destinos eternos. O céu é a pátria dos salvos, descrito como lugar de perfeita comunhão com Deus: "Na casa de meu Pai há muitas moradas... vou preparar-vos lugar" (João 14:2-3). "É lugar de perfeita santidade, gozo, alegria sem fim e da perfeita felicidade" (Declaração de Fé, Cap. X).

Para os que rejeitam a Cristo, a Escritura descreve a realidade do inferno: "Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hebreus 10:31). A Declaração de Fé, no Capítulo sobre o Mundo Vindouro, descreve o destino dos ímpios como "o lago de fogo", preparado para o diabo e seus anjos (Apocalipse 20:15). A Bíblia é clara: a salvação está disponível a todos, mas é aplicada apenas aos que creem.

É Possível Perder a Salvação? A Posição Assembleiana

Diferentemente de muitas denominações evangélicas, as Assembleias de Deus rejeitam a doutrina da "segurança eterna incondicional". A Declaração de Fé é explícita: "Rejeitamos a afirmação segundo a qual 'uma vez salvo, salvo para sempre', pois entendemos à luz das Sagradas Escrituras que, depois de experimentar o milagre do novo nascimento, o crente tem a responsabilidade de zelar pela manutenção da salvação".

Os textos bíblicos que fundamentam esta posição incluem: "Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo" (Hebreus 3:12); "Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo... e recaíram, sejam outra vez renovados para arrependimento" (Hebreus 6:4-6); "Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados" (Hebreus 10:26); e "Mas, desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo a iniquidade... de todas as justiças que tiver feito não se fará memória; na sua transgressão... morrerá" (Ezequiel 18:24).

No entanto, esta posição não deve gerar insegurança ou medo constante, mas sóbria vigilância. O crente que permanece em Cristo, perseverando em fé e santidade, tem plena segurança da salvação. Jesus prometeu: "As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão" (João 10:27-28). A perseverança dos santos é tanto promessa divina quanto responsabilidade humana. É possível estar seguro da salvação enquanto se permanece em Cristo; a apostasia deliberada e persistente, porém, é uma possibilidade real contra a qual as Escrituras advertem.

Conclusão

A salvação pela graça é a doutrina central da fé cristã e o fundamento sobre o qual repousam todas as demais doutrinas. Este artigo demonstrou que a salvação é: necessária porque o pecado separou o homem de Deus; iniciada por Deus, que oferece graça imerecida; recebida

exclusivamente pela fé em Jesus Cristo, sem obras humanas; um processo que envolve regeneração, justificação, adoção, santificação e glorificação; e eterna em sua essência, mas passível de perda por apostasia deliberada, conforme a posição assembleiana.

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus sintetiza com fidelidade o ensino bíblico sobre a salvação, equilibrando a soberania da graça divina com a responsabilidade humana. Que cada crente regozije-se na certeza da salvação em Cristo e, ao mesmo tempo, persevere "com temor e tremor" (Filipenses 2:12), sabendo que "Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade" (Filipenses 2:13). "Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Romanos 8:1).

Referências

- BÍBLIA. Português. **Almeida Corrigida Fiel**. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.
- BÍBLIA. N. T. João. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. João 3; 10; 14.
- BÍBLIA. N. T. Romanos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Romanos 3; 5; 6; 8; 10; 11.
- BÍBLIA. N. T. 1 Coríntios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Coríntios 15.
- BÍBLIA. N. T. 2 Coríntios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 2 Coríntios 5.
- BÍBLIA. N. T. Efésios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Efésios 2.
- BÍBLIA. N. T. Tito. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Tito 3.
- BÍBLIA. N. T. Hebreus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Hebreus 3; 6; 10; 12.
- DECLARAÇÃO DE FÉ das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. Capítulo X: Sobre a Salvação.

O Que é a Graça de Deus?

Graça & Verdade · 10 de junho de 2026 · 2 min de leitura

Um estudo profundo sobre o significado da graça divina, sua manifestação em Cristo e como ela transforma a vida do cristão.

Introdução

A graça de Deus é um dos conceitos mais centrais da fé cristã. A palavra "graça" aparece centenas de vezes na Bíblia e está no coração do evangelho. Mas o que realmente significa a graça de Deus?

O apóstolo João nos diz que "a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo" (João 1:17). Isso nos mostra que a graça não é apenas um conceito abstrato — ela é uma pessoa: Jesus.

O Significado da Graça

No grego do Novo Testamento, a palavra é *charis*, que carrega o sentido de favor imerecido, bondade, generosidade. A graça de Deus é o Seu amor em ação para com pessoas que não merecem.

Efésios 2:8-9 declara: *"Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie."*

A graça nos ensina três verdades fundamentais:

1. **A salvação é um presente** — não podemos conquistá-la
2. **Deus tomou a iniciativa** — Ele nos amou primeiro
3. **Não há espaço para orgulho** — tudo é pela graça

Graça que Transforma

A graça não apenas salva; ela transforma. Tito 2:11-12 diz que *"a graça salvadora de Deus se há manifestado a todos os homens, ensinando-nos que [...] vivamos neste presente século sóbria, e justa, e piamente."*

A verdadeira graça não é licença para pecar, mas poder para viver em santidade.

Conclusão

A graça de Deus é o alicerce da fé cristã. Ela nos alcança onde estamos, mas não nos deixa como estamos. Em Cristo, recebemos graça sobre graça (João 1:16), um fluxo contínuo do amor divino que nos sustenta dia após dia.

"A graça é o amor de Deus em ação, derramado sobre pessoas que não merecem." — Anônimo

Fé e Obras: O Ensino de Tiago

Graça & Verdade · 1 de junho de 2026 · 2 min de leitura

Entendendo a aparente contradição entre Paulo e Tiago sobre fé e obras, e como ambos ensinam a mesma verdade de ângulos complementares.

Uma Questão Antiga

Poucos temas geram tanta discussão quanto a relação entre fé e obras. Paulo diz que somos justificados pela fé (Romanos 3:28). Tiago diz que a fé sem obras é morta (Tiago 2:17). Há contradição?

A resposta é um enfático **não**. Ambos ensinam a mesma verdade, mas de perspectivas diferentes e para públicos diferentes.

Paulo: A Raiz da Salvação

Paulo combatia os judaizantes que ensinavam que a circuncisão e as obras da lei eram necessárias para a salvação. Sua tese:

"Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei." (Romanos 3:28)

Para Paulo, as obras são o **fruto** da salvação, não a **causa**. Efésios 2:8-10 é claro: salvos pela graça, mediante a fé, **para** as boas obras.

Tiago: O Fruto da Salvação

Tiago escreve para pessoas que usavam a "fé" como desculpa para uma vida sem transformação. Sua tese:

"Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma." (Tiago 2:17)

Tiago não contradiz Paulo — ele pergunta: *"mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras"* (Tiago 2:18).

A Ilustração de Abraão

Curiosamente, tanto Paulo (Romanos 4) quanto Tiago (Tg 2:21-24) usam Abraão como exemplo:

- **Paulo** aponta para Gênesis 15:6 — Abraão creu, e isso lhe foi imputado como justiça
- **Tiago** aponta para Gênesis 22 — Abraão ofereceu Isaque, e sua fé foi aperfeiçoada pelas obras

Paulo fala da raiz; Tiago fala do fruto. A mesma árvore, vista de ângulos diferentes.

Conclusão

A fé verdadeira sempre produz obras. Não somos salvos pelas obras, mas a salvação genuína inevitavelmente produz frutos de obediência. Como disse Jesus: *"Pelos seus frutos os conhecereis"* (Mateus 7:20).

A pergunta não é "preciso de obras para ser salvo?", mas sim "minha fé tem produzido obras que glorificam a Deus?"

A Cura Divina: Fundamentos Bíblicos, a Expição de Cristo e a Prática na Igreja

Graça & Verdade · 31 de julho de 2026 · 10 min de leitura

Este artigo examina a doutrina da cura divina à luz das Escrituras Sagradas e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus. São analisados a origem da enfermidade como consequência da queda, a cura divina como benefício da expiação de Cristo, o ministério de cura de Jesus e dos apóstolos, a unção com óleo segundo Tiago 5 e a relação entre fé, oração, medicina e vontade soberana de Deus.

A cura divina é uma das doutrinas distintivas do pentecostalismo e um dos pilares da Declaração de Fé das Assembleias de Deus. Desde os patriarcas até os apóstolos, a Bíblia registra que Deus cura os enfermos em resposta à oração da fé. O próprio nome de Deus é revelado como "Jeová-Rafá": "Eu sou o SENHOR que te sara" (Êxodo 15:26). No Novo Testamento, Jesus dedicou grande parte do Seu ministério terreno à cura de enfermos, demonstrando que a vinda do Reino de Deus traz restauração tanto espiritual quanto física.

Contudo, a doutrina da cura divina tem sido objeto de extremos: de um lado, o ceticismo que nega a atuação sobrenatural de Deus na atualidade; de outro, o triunfalismo que trata a cura como direito automático, desprezando a medicina e ignorando que Deus, em Sua soberania, pode permitir o sofrimento com propósitos maiores.

A Origem da Enfermidade e a Promessa de Cura

A enfermidade entrou no mundo como consequência do pecado original. Antes da queda, não havia doença, dor ou morte no Jardim do Éden. A Declaração de Fé afirma: "As Escrituras ensinam claramente que as doenças e a morte são resultantes da entrada do pecado no mundo [...]. As doenças e enfermidades existem como consequência da queda e da desobediência humana [...]. Todavia, nem toda doença e enfermidade são decorrentes de um pecado pessoal". O corpo humano, criado perfeito por Deus, tornou-se sujeito à corrupção e mortalidade após o pecado (Gênesis 3:16-19; Romanos 5:12).

No entanto, o Deus que criou o corpo é o mesmo que prometeu curá-lo. Em Êxodo 15:26, Deus declara ao Seu povo: "Se ouvires atento a voz do SENHOR teu Deus, e fizeres o que é reto diante de seus olhos, e inclinares os teus ouvidos aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, nenhuma das enfermidades porei sobre ti, que pus sobre o Egito; porque eu sou o SENHOR que te sara." O Salmo 103:2-3 acrescenta: "Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e não

te esqueças de nenhum de seus benefícios. Ele é o que perdoa todas as tuas iniquidades, que sara todas as tuas enfermidades." A cura divina é revelada como um dos benefícios da aliança de Deus com o Seu povo.

A Cura Divina e a Expição de Cristo

O fundamento teológico mais sólido para a cura divina encontra-se na expiação de Cristo. Isaías 53 é o texto central: "Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si... pelas suas pisaduras fomos sarados" (Isaías 53:4-5). Mateus aplica diretamente esta profecia ao ministério de Jesus: "para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças" (Mateus 8:17).

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus afirma que a cura divina "é um dos benefícios da obra expiatória e redentora de Cristo. Ele proveu na cruz tanto a salvação da alma quanto a cura do corpo". No entanto, diferentemente do perdão dos pecados — que é concedido a todo aquele que crê — a cura física, embora provida na expiação, não é recebida automaticamente por todos os crentes nesta vida. A plenitude da redenção do corpo ocorrerá na ressurreição, quando "o que é mortal se revista da imortalidade" (1 Coríntios 15:53-54). A cura divina é uma antecipação, na era presente, da redenção completa que se manifestará na eternidade.

O Ministério de Cura de Jesus e dos Apóstolos

Os Evangelhos registram que Jesus curou cegos, surdos, mudos, coxos, paralíticos, leprosos, hemorrágicos, lunáticos e até mesmo ressuscitou mortos. Pedro resumiu Seu ministério: "Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; o qual andou fazendo bem, e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele" (Atos 10:38). A cura não era um evento isolado, mas parte central da proclamação do Reino.

Jesus não utilizou um único método: curou com um toque (Mateus 8:3), com uma palavra à distância (Mateus 8:8-13), com lodo e saliva (João 9:6-7) e até com a fé de terceiros (Mateus 8:5-13; Marcos 2:5). O que permaneceu constante foi a compaixão como motivação: "Jesus, movido de grande compaixão, estendeu a mão, e tocou-o, e disse-lhe: Quero, sê limpo!" (Marcos 1:41). A cura também era um sinal messiânico que autenticava Sua identidade divina: "na mesma hora, curou muitos de enfermidades, e males, e espíritos maus, e deu vista a muitos cegos" (Lucas 7:21), cumprindo o que fora predito (Isaías 35:5-6).

Os apóstolos continuaram este ministério. Pedro curou o coxo à porta do templo, declarando: "Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda" (Atos 3:6). Paulo curou o coxo de Listra que tinha fé para ser curado (Atos 14:8-10). A cura era um dom do Espírito Santo operando na igreja primitiva (1 Coríntios 12:9), confirmando a Palavra com sinais (Marcos 16:17-18).

A Unção com Óleo e a Oração da Fé

Tiago 5:14-15 estabelece a prática normativa da igreja quanto à oração pelos enfermos: "Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, ungindo-o com azeite em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados." A Declaração de Fé destaca que "é uma prática exercida nos moldes do Novo Testamento, sendo, portanto, efetuada somente pelos que exercem a liderança da igreja. Entre nós, é praticada por presbíteros, evangelistas e pastores".

É essencial destacar que a ênfase de Tiago não está no óleo em si, mas na "oração da fé". O óleo (azeite) é um símbolo do Espírito Santo, não um elemento mágico com propriedades curativas intrínsecas. A unção é um ato de fé e consagração do enfermo a Deus. A cura, quando ocorre, é realizada pelo Senhor, e "somente a Ele pertence a glória".

Cura Divina e Tratamento Médico

A Bíblia não opõe a cura divina ao tratamento médico. Pelo contrário, reconhece o valor da medicina. O profeta Isaías prescreveu "uma pasta de figos" como emplasto para a úlcera do rei Ezequias (Isaías 38:21). Jesus afirmou: "Não necessitam de médico os sãos, mas sim, os doentes" (Mateus 9:12), reconhecendo a legitimidade da prática médica. Paulo tinha Lucas, "o médico amado" (Colossenses 4:14), como companheiro de ministério, e aconselhou Timóteo a usar "um pouco de vinho" por causa de suas frequentes enfermidades estomacais (1 Timóteo 5:23), revelando uma abordagem prática e equilibrada para questões de saúde.

A Declaração de Fé é explícita: "A oração pelos enfermos não entra em conflito com o tratamento médico". Deus pode curar de forma sobrenatural e instantânea; Deus também pode curar através dos recursos da medicina; e Deus pode optar, em Seus insondáveis desígnios, por não curar nesta vida. O crente deve orar com fé, buscar tratamento médico com sabedoria e submeter-se à vontade soberana de Deus em todas as circunstâncias.

Por Que Alguns Não São Curados?

Esta é uma das perguntas mais difíceis e frequentes na experiência cristã. A Bíblia não oferece uma resposta única e simplista, mas fornece princípios que ajudam a compreender o mistério do sofrimento.

Primeiro, o exemplo de Paulo. O apóstolo tinha "um espinho na carne", que ele identificava como "mensageiro de Satanás" (2 Coríntios 12:7). Paulo orou três vezes ao Senhor para que fosse removido, e a resposta divina foi: "A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza" (2 Coríntios 12:9). A recusa de Deus em curar Paulo tinha um propósito maior: mantê-lo humilde e dependente da graça divina. Este exemplo demonstra que a ausência de cura não é necessariamente falta de fé ou pecado na vida do crente.

Segundo, Timóteo sofria de "frequentes enfermidades" (1 Timóteo 5:23), e Paulo não o repreendeu por falta de fé, mas deu conselhos práticos. Trófimo ficou doente em Mileto e Paulo o deixou lá (2 Timóteo 4:20). Epafrodito adoeceu "até à morte" e Paulo reconheceu que Deus teve misericórdia dele (Filipenses 2:27). Estes exemplos provam que até mesmo obreiros fiéis experimentaram enfermidades.

Terceiro, a soberania de Deus. Assim como Ele curou a uns e não a outros no Antigo Testamento — curou Naamã, o siro (2 Reis 5), mas não curou todos os leprosos de Israel — Ele age segundo Seus propósitos. O crente deve orar com fé, confiar na bondade de Deus e submeter-se à Sua vontade, como Jesus no Getsêmani: "Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres" (Mateus 26:39). A Declaração de Fé afirma que a cura divina é um benefício da expiação, mas não ensina que seja automática ou universal nesta vida.

Conclusão

A cura divina é uma doutrina bíblica que integra a identidade doutrinária das Assembleias de Deus. A enfermidade tem sua origem na queda, mas Deus Se revela como Jeová-Rafá, o Senhor que sara. A expiação de Cristo proveu tanto o perdão dos pecados quanto a cura do corpo, constituindo o fundamento teológico da cura divina. O ministério de Jesus e dos apóstolos confirma a continuidade desta provisão, e a unção com óleo, conforme Tiago 5, permanece como prática normativa da igreja.

No entanto, a cura divina não pode ser tratada como fórmula mágica, direito exigível ou espetáculo. Deus pode curar sobrenaturalmente, usar a medicina como instrumento, ou permitir a enfermidade com propósitos que transcendem nossa compreensão imediata. O crente deve orar com fé, buscar tratamento médico com sabedoria e confiar na soberania divina, sabendo que a cura definitiva — a redenção completa do corpo — será plenamente manifestada na ressurreição. Enquanto aguardamos aquele dia, oramos como a igreja primitiva: "Enquanto estendes a tua mão para curar, e para que se façam sinais e prodígios pelo nome de teu santo Filho Jesus" (Atos 4:30).

Referências

- BÍBLIA. Português. **Almeida Corrigida Fiel**. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.
- BÍBLIA. A. T. Êxodo. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Êxodo 15.
- BÍBLIA. A. T. Salmos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Salmo 103.
- BÍBLIA. A. T. Isaías. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Isaías 35; 38; 53.
- BÍBLIA. N. T. Mateus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Mateus 8; 9; 26.

- BÍBLIA. N. T. Marcos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Marcos 1; 2; 16.
- BÍBLIA. N. T. Lucas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Lucas 7.
- BÍBLIA. N. T. Atos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Atos 3; 4; 10; 14.
- BÍBLIA. N. T. 1 Coríntios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Coríntios 12; 15.
- BÍBLIA. N. T. 2 Coríntios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 2 Coríntios 12.
- BÍBLIA. N. T. Tiago. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Tiago 5.
- BÍBLIA. N. T. 1 Timóteo. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Timóteo 5.
- DECLARAÇÃO DE FÉ das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. Capítulo XXI: Sobre a Cura Divina.

A Segunda Vinda de Cristo: Arrebatamento, Tribulação, Milênio e a Bendita Esperança

Graça & Verdade · 31 de julho de 2026 · 9 min de leitura

Este artigo examina a doutrina da Segunda Vinda de Cristo à luz das Escrituras Sagradas e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, adotando a perspectiva pré-tribulacionista e pré-milenista. São analisadas as duas fases: o arrebatamento da Igreja e a vinda em glória, o Tribunal de Cristo, as Bodas do Cordeiro, o Anticristo e o Milênio.

"Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo" (Tito 2:13). A Segunda Vinda de Cristo é a esperança central do cristianismo e um dos pilares da fé assembleiana. A Declaração de Fé afirma: "Cremos, professamos e ensinamos que a Segunda Vinda de Cristo é um evento a ser realizado em duas fases. A primeira é o arrebatamento da Igreja antes da Grande Tribulação... a segunda fase é a sua vinda em glória depois da Grande Tribulação e visível aos olhos humanos". Esta posição, conhecida como pré-tribulacionista e pré-milenista, é distintiva do pentecostalismo clássico e das Assembleias de Deus.

Mais do que mera especulação escatológica, a doutrina da Segunda Vinda possui implicações práticas profundas: produz santidade (1 João 3:2-3), vigilância (Mateus 25:13), perseverança na obra de Deus (1 Coríntios 15:58) e consolo diante da morte (1 Tessalonicenses 4:18).

A Promessa da Volta de Cristo

A Segunda Vinda não é uma doutrina marginal ou tardia. Jesus prometeu pessoalmente: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas... vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também" (João 14:1-3). Na Sua ascensão, dois anjos confirmaram aos discípulos: "Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir" (Atos 1:11). O próprio Enoque, sétimo depois de Adão, profetizou: "Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos" (Judas 1:14). A promessa da volta de Cristo percorre toda a Escritura.

O Arrebatamento da Igreja

A primeira fase da Segunda Vinda é o arrebatamento, quando Cristo virá nos ares para buscar a Sua igreja. Paulo descreve este evento com detalhes: "Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor" (1 Tessalonicenses 4:16-17). A palavra "arrebatados" traduz o grego *harpazo*, que significa "tomar à força, arrancar, raptar", de onde deriva o termo latino *raptus* (rapto).

Paulo acrescenta que "nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta" (1 Coríntios 15:51-52). Os crentes vivos terão seus corpos transformados em corpos gloriosos e incorruptíveis, enquanto os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Ambos os grupos se encontrarão com o Senhor nos ares. Este evento, segundo a Declaração de Fé, "será invisível aos olhos do mundo, porém seus efeitos serão perceptíveis". Será repentino, sem sinais prévios que permitam datação, podendo ocorrer a qualquer momento.

O Tribunal de Cristo e as Bodas do Cordeiro

Após o arrebatamento, enquanto a Grande Tribulação ocorre na terra, a igreja estará com Cristo nos céus, onde dois eventos ocorrerão.

O Tribunal de Cristo

O primeiro é o Tribunal de Cristo, onde os crentes serão galardoados segundo suas obras: "Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem ou mal" (2 Coríntios 5:10). É importante distinguir: este tribunal não é para condenação — "nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Romanos 8:1) — mas para galardão ou perda de galardão. Paulo compara a obra de cada crente a materiais que serão provados pelo fogo: ouro, prata, pedras preciosas permanecem; madeira, feno, palha são consumidos (1 Coríntios 3:12-15).

As Bodas do Cordeiro

O segundo evento é as Bodas do Cordeiro, descritas em Apocalipse 19:7-9: "Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou." A igreja é a Noiva de Cristo, e as bodas representam a união definitiva entre Cristo e Seu povo redimido. A Declaração de Fé afirma que é "um momento de gozo e de alegria" onde "será culminado o plano da redenção".

A Grande Tribulação

Enquanto a igreja está com Cristo, a terra enfrentará um período de sete anos de angústia sem precedentes. Jesus profetizou: "porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver" (Mateus 24:21). O profeta Daniel estabeleceu a cronologia: "setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo" (Daniel 9:24), sendo a última semana (sete anos) o período da Tribulação. A Declaração de Fé explica que se trata de "um período de transição entre a dispensação da Igreja e o Milênio". Jeremias descreveu este período como "tempo de angústia para Jacó" (Jeremias 30:7).

O Anticristo e o Falso Profeta

A Grande Tribulação será marcada pela manifestação do Anticristo, descrito por Paulo como "o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus" (2 Tessalonicenses 2:3-4). O termo "anticristo" é usado por João (1 João 2:18,22; 4:3) e designa um indivíduo que personifica a oposição total a Cristo. É importante observar que, embora o espírito do anticristo já atue no mundo (1 João 4:3), a manifestação do Anticristo como pessoa será um evento futuro e específico.

Em Apocalipse 13, ele é identificado como "a besta que subiu do mar", recebendo poder de Satanás para dominar o mundo e sendo auxiliado por um Falso Profeta, que realizará sinais enganadores para desviar a humanidade da verdade. A marca da besta será imposta como controle econômico e religioso total (Apocalipse 13:16-17).

A Vinda de Cristo em Glória

Ao final dos sete anos de Tribulação, Cristo retornará à terra de forma visível e gloriosa. Esta é a segunda fase da Segunda Vinda: "E, então, verão vir o Filho do Homem numa nuvem, com poder e grande glória" (Lucas 21:27). João descreve com majestade: "Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele" (Apocalipse 1:7). Diferentemente do arrebatamento, que será invisível ao mundo, esta vinda será pública e universal. Cristo retornará acompanhado "com todos os seus santos" (1 Tessalonicenses 3:13) — a igreja glorificada — para derrotar o Anticristo e o Falso Profeta, julgar as nações e estabelecer Seu Reino milenar.

O Milênio

Após a derrota do Anticristo, Cristo estabelecerá Seu Reino literal na terra por mil anos. João descreve: "Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos. E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que não mais engane as nações, até que os mil anos se acabem" (Apocalipse 20:2-3).

As Assembleias de Deus sustentam a posição **pré-milenista**, crendo que Cristo retornará antes do Milênio para inaugurá-lo pessoalmente, distinguindo-se do amilenismo (que interpreta o Milênio simbolicamente) e do pós-milenismo (que crê que a igreja estabelecerá o Reino antes da volta de Cristo). A Declaração de Fé ensina que, nesse período, "Satanás estará aprisionado no abismo" e "a sua ação destruidora na terra será neutralizada", estabelecendo uma era de justiça, paz e prosperidade sob o governo de Cristo.

Implicações Práticas da Esperança Escatológica

A doutrina da Segunda Vinda não deve produzir especulação ociosa, mas transformação de vida.

Santidade. João afirma: "E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro" (1 João 3:3). A bendita esperança gera santidade.

Vigilância. Jesus advertiu sobre a necessidade de vigilância: "Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do Homem há de vir" (Mateus 25:13). A iminência da volta de Cristo exige prontidão constante.

Consolo. Paulo conclui seu ensino sobre o arrebatamento com uma exortação pastoral: "Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras" (1 Tessalonicenses 4:18). A doutrina da Segunda Vinda é fonte de consolo diante da morte e do sofrimento.

Missão. Ela também motiva o fervor missionário: sabendo que "o Senhor não retarda a sua promessa... mas é longânimo para conosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se" (2 Pedro 3:9), a igreja deve acelerar a proclamação do evangelho enquanto há tempo.

Conclusão

A Segunda Vinda de Cristo é a bendita esperança da igreja. A cronologia bíblica conforme a perspectiva assembleiana apresenta: o arrebatamento da igreja antes da Grande Tribulação; o Tribunal de Cristo e as Bodas do Cordeiro nos céus; a Grande Tribulação na terra; a manifestação do Anticristo; a vinda de Cristo em glória para derrotar o mal; e o estabelecimento do Reino milenar.

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus sintetiza esta doutrina com clareza, mantendo a fidelidade ao texto bíblico. Mais do que um mapa escatológico, a Segunda Vinda é a certeza que impulsiona a igreja à santidade, à vigilância e à missão. A última oração da Bíblia é o clamor de todo crente fiel: "Amém. Ora vem, Senhor Jesus!" (Apocalipse 22:20). Que cada crente viva à luz desta esperança, "aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo" (Tito 2:13).

Referências

- BÍBLIA. Português. **Almeida Corrigida Fiel**. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.
- BÍBLIA. A. T. Daniel. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Daniel 9.
- BÍBLIA. A. T. Jeremias. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Jeremias 30.
- BÍBLIA. N. T. Mateus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Mateus 24; 25.
- BÍBLIA. N. T. Lucas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Lucas 21.
- BÍBLIA. N. T. João. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. João 14.
- BÍBLIA. N. T. Atos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Atos 1.
- BÍBLIA. N. T. 1 Coríntios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Coríntios 3; 15.
- BÍBLIA. N. T. 1 Tessalonicenses. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Tessalonicenses 3; 4.
- BÍBLIA. N. T. 2 Tessalonicenses. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 2 Tessalonicenses 2.
- BÍBLIA. N. T. Tito. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Tito 2.
- BÍBLIA. N. T. 1 João. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 João 2; 3; 4.
- BÍBLIA. N. T. Judas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Judas 1.
- BÍBLIA. N. T. Apocalipse. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Apocalipse 1; 13; 19; 20; 22.
- DECLARAÇÃO DE FÉ das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. Capítulo XXII: Sobre a Segunda Vinda de Cristo.

O Mundo Vindouro: Juízo Final, Ressurreição e o Novo Céu à Luz das Escrituras

Graça & Verdade · 27 de setembro de 2026 · 10 min de leitura

Este artigo examina o mundo vindouro à luz das Sagradas Escrituras (versão Almeida Corrigida Fiel) e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus (Capítulo XXIII), abordando o Juízo Final no Grande Trono Branco, os livros do julgamento, a ressurreição dos mortos, o destino dos condenados (Sheol, Hades e Geena), o novo céu e a nova terra, e a nova Jerusalém. Conclui-se que haverá um mundo vindouro para os salvos e para os condenados, e que a ressurreição de Cristo garante a vitória final sobre a morte e a bem-aventurança eterna dos remidos.

"E vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a terra e o céu; e não se achou lugar para eles" (Apocalipse 20:11). A Bíblia ensina que existe um mundo vindouro para os salvos e para os condenados e que, depois do Milênio, virá o Juízo Final, conhecido como o Grande Trono Branco. Após esse julgamento, virão o novo céu e a nova terra e a Nova Jerusalém.

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus, em seu Capítulo XXIII, trata do mundo vindouro, do Juízo Final, da ressurreição dos mortos, do destino dos condenados e do novo céu e nova terra. Este artigo propõe-se a examinar, à luz da Palavra de Deus, cada uma dessas verdades, demonstrando que a ressurreição de Cristo é a garantia da nossa ressurreição e da vitória final sobre a morte.

O Juízo Final: o Grande Trono Branco

A Bíblia fala de duas ressurreições, a dos justos e a dos injustos, mas ambas não serão simultâneas. Deus instaurará o Juízo Final após a última rebelião de Satanás, que acontecerá depois dos mil anos do reinado de Cristo. Ficarão de fora desse juízo os crentes da era da Igreja e os mártires da Grande Tribulação, que fazem parte do Reino de Cristo; "os outros mortos", porém, aqueles que não fizeram parte da primeira ressurreição, "não reviveram, até que os mil anos se acabaram" (Apocalipse 20:5), e serão ressuscitados nessa ocasião para o julgamento.

A base primordial do Juízo Final é a justiça perfeita e inquestionável de Deus: "Deus é juiz justo" (Salmos 7:11); "Não faria justiça o Juiz de toda a terra?" (Gênesis 18:25). O Senhor Jesus disse que "o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo" (João 5:22). Assim, Deus executará esse juízo por meio de Jesus Cristo.

Os Livros do Julgamento

No Juízo Final, muitos livros serão abertos, e todos os "outros mortos" serão julgados pelas coisas escritas neles: "E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante de Deus, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras" (Apocalipse 20:12). Serão pessoas de todas as classes sociais; os "grandes e pequenos" referem-se a status, não à idade. Nos livros estão os registros divinos de todos os pecados, públicos e particulares.

O Livro da Vida mostra que esses réus não constam nele: "E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo" (Apocalipse 20:15). É o dia da morte da morte: "E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte" (Apocalipse 20:14). A morte é o último inimigo a ser aniquilado: "Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte" (1 Coríntios 15:26); "Tragada foi a morte na vitória" (1 Coríntios 15:54). O lago de fogo, preparado para o Diabo e seus anjos, será também o destino final dos perdidos, pois a vontade de Deus é que ninguém se perca, mas que todos sejam salvos.

A Ressurreição dos Mortos

Ressurreição significa levantar dentre os mortos, voltar a viver no mesmo corpo. É uma verdade bíblica cristalina, ensinada na Lei de Moisés, nos Profetas e com abundância no Novo Testamento. O profeta Daniel anunciou: "E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno" (Daniel 12:2). Desde o Antigo Testamento temos a promessa de libertação da morte: "Mas Deus remirá a minha alma do poder da sepultura, pois me receberá" (Salmos 49:15).

A ressurreição de Jesus é a garantia da nossa: "Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele" (1 Tessalonicenses 4:14). Trata-se de uma ressurreição corporal: "aquele que dentre os mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita" (Romanos 8:11). Nosso corpo será transformado como o corpo glorificado de Cristo: "Que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso" (Filipenses 3:21). Essa é a nossa esperança, "porque eu vivo, e vós vivereis" (João 14:19).

Os incrédulos também serão ressuscitados: "porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação" (João 5:28-29). Isso inclui salvos e condenados: "há de haver ressurreição de mortos, assim dos justos como dos injustos" (Atos 24:15). A ressurreição representa a vitória completa e esmagadora de Cristo sobre a morte e o Diabo.

O Destino dos Condenados: *Sheol*, *Hades* e *Geena*

O destino dos incrédulos é a condenação eterna no Inferno, "o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos" (Mateus 25:41). A palavra "inferno" vem do latim *infernus*, "lugar inferior", usada para traduzir o hebraico *sheol* e o grego *hades* e *geena*. O *sheol* é o lugar invisível dos mortos; na Septuaginta é traduzido por *Hades*, que é o estado intermediário dos mortos sem Cristo, uma prisão temporária até o dia do juízo. Os condenados que partiram deste mundo estão lá, conscientes e em tormentos: "E no inferno, ergueu os olhos, estando em tormentos [...] porque estou atormentado nesta chama" (Lucas 16:23-24).

A *Geena* é a forma grega de *gei-hinnom*, "vale de Hinom", vale ao sul de Jerusalém onde crianças eram sacrificadas a ídolos e que depois se tornou depósito de lixo. O termo é traduzido por "inferno" nos evangelhos: "Serpentes, raça de víboras! como escapareis da condenação do inferno?" (Mateus 23:33). Indica o lago de fogo apocalíptico, onde serão lançados a besta e o falso profeta: "Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre" (Apocalipse 19:20), e aqueles cujos nomes não estão no Livro da Vida. Há ainda outras expressões para o lugar de suplício eterno: o *Tártaro* (2 Pedro 2:4), o abismo, a fornalha de fogo, as trevas exteriores e o fogo que nunca se apaga. O castigo é eterno: "E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna" (Mateus 25:46).

O Novo Céu e a Nova Terra

O novo céu e a nova terra são o destino final dos salvos: "E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe" (Apocalipse 21:1). O céu e a terra que conhecemos desaparecerão para dar lugar a uma nova criação, anunciada desde o Antigo Testamento e ratificada no Novo. O próprio Senhor Jesus confirmou: "O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar" (Mateus 24:35).

Quando for instalado o juízo do Grande Trono Branco, o céu e a terra deixarão de existir, como fase preparatória para o estabelecimento do novo céu e da nova terra. O apóstolo Pedro descreve: "Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão" (2 Pedro 3:10). A terra contaminada pelo pecado não resistirá ao esplendor da presença de Deus, e o fato de a morte e o Inferno serem lançados no lago de fogo indica que, no novo céu e na nova terra, não haverá morte nem condenação.

A Nova Jerusalém

O novo céu e a nova terra não são a terra paradisíaca do Milênio; neles desce a "santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido" (Apocalipse 21:2). Estamos num período pós-milênio: é "a Jerusalém que é de cima"

(Gálatas 4:26), a "Jerusalém celestial" (Hebreus 12:22). A Nova Jerusalém é quadrada, na forma de um cubo que mede doze mil estádios de comprimento, largura e altura (Apocalipse 21:16), feita de ouro puro, semelhante a vidro puro (Apocalipse 21:18), material inexistente na terra.

O muro da cidade tem doze fundamentos, nos quais estão "os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro" (Apocalipse 21:14). A cidade não tem templo, pois "o seu templo é o Senhor Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro" (Apocalipse 21:22), e não necessita de sol nem de lua, "porque a glória de Deus a tem iluminado, e o Cordeiro é a sua lâmpada" (Apocalipse 21:23). Nela não haverá mais dor, nem tristeza, nem solidão: "E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas" (Apocalipse 21:4). É a nossa eterna bem-aventurança, pois o pecado será banido para sempre.

Conclusão

Este artigo demonstrou, à luz da Bíblia e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, que: (1) haverá um mundo vindouro para os salvos e para os condenados; (2) o Juízo Final, no Grande Trono Branco, será executado por Jesus Cristo com justiça perfeita; (3) os mortos serão julgados segundo as suas obras registradas nos livros, e os que não estiverem no Livro da Vida serão lançados no lago de fogo; (4) a ressurreição dos mortos, dos justos e dos injustos, é garantida pela ressurreição de Cristo; (5) o destino dos condenados é a condenação eterna; e (6) os salvos herdarão o novo céu, a nova terra e a Nova Jerusalém, onde não haverá mais morte, pranto, clamor ou dor.

O mundo vindouro, portanto, é a consumação de todas as coisas, quando Deus fará novas todas as coisas. Que vivamos hoje na bendita esperança da ressurreição e da vida eterna, "aguardando e apressando-vos para a vinda do Dia de Deus" (2 Pedro 3:12), servindo ao Senhor com temor e santo amor, até que habitemos para sempre na cidade onde Deus enxugará de nossos olhos toda lágrima. Amém.

Referências

- BÍBLIA. Português. **Almeida Corrigida Fiel**. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.
- BÍBLIA. A. T. Gênesis. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Gênesis 18.
- BÍBLIA. A. T. Salmos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Salmos 7; 49.
- BÍBLIA. A. T. Daniel. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Daniel 12.
- BÍBLIA. N. T. Mateus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Mateus 23; 24; 25.
- BÍBLIA. N. T. Lucas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Lucas 16.
- BÍBLIA. N. T. João. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. João 5; 14.

- BÍBLIA. N. T. Atos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Atos 24.
- BÍBLIA. N. T. Romanos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Romanos 8.
- BÍBLIA. N. T. 1 Coríntios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Coríntios 15.
- BÍBLIA. N. T. Gálatas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Gálatas 4.
- BÍBLIA. N. T. Filipenses. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Filipenses 3.
- BÍBLIA. N. T. 1 Tessalonicenses. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Tessalonicenses 4.
- BÍBLIA. N. T. Hebreus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Hebreus 12.
- BÍBLIA. N. T. 2 Pedro. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 2 Pedro 2; 3.
- BÍBLIA. N. T. Apocalipse. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Apocalipse 19; 20; 21.
- DECLARAÇÃO DE FÉ das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. Capítulo XXIII: Sobre o Mundo Vindouro.